

O ensino do gênero textual artigo de opinião: o relato de uma experiência

p. 7 - 15

Marilúcia dos Santos Domingos Striquer¹

Resumo

Buscando contribuir para que o aluno de final de ciclo, especificamente do Ensino Médio se prepare para a vida, qualificando-se como cidadão participativo da sociedade, elaboramos modelos didáticos (BRONCKART, 2003) sobre o gênero artigo de opinião e a partir deles construímos seqüências didáticas (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004) que foram transpostas efetivamente para salas de aula de escolas da rede pública de ensino, através de um projeto de extensão universitária. O objetivo desta comunicação é apresentar uma síntese da efetiva prática, sobre a qual pudemos constatar que em seu conjunto pode ser caracterizada como um processo de ampliação de letramento crítico do professor.

Palavras-chave: Ensino; gênero textual; artigo de opinião.

Introdução

Com vistas aos letramentos críticos que tratam os textos/enunciados como práticas discursivas carregadas de ecos ideológicos, as orientações das Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio (DCEs) (PARANÁ, 2008: 4), preconizam que “é nos processos educativos, e, notadamente, nas aulas de Língua Materna, que o estudante brasileiro tem a oportunidade de aprimoramento de sua competência lingüística, de forma a garantir uma inserção ativa e crítica na sociedade” (grifo nosso). Contudo, a expressão que mais se concilia a efetiva prática escolar não é tem, mas sim deveria ter. Isto é, evidentemente, muito se faz, muito se busca, mas de acordo com os diversos estudos e pesquisas acadêmicas e sociológicas realizadas em âmbito nacional, a escola, por diferentes motivos, muitas vezes, não consegue cumprir de forma

significativa essa orientação.

Tendo esse fato como preocupação profissional, na busca de contribuir, principalmente, para que o aluno de final de ciclo, especificamente do Ensino médio, se prepare para a vida, se qualificando como cidadão participativo da sociedade, coordenei um projeto de extensão universitária, denominado “A escola na formação do cidadão ativo e crítico”, subsidiado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e do Ensino Superior (SETE-FUNDO PARANÁ), através do Programa Universidade Sem Fronteiras. O projeto no ano de 2009 atendeu 56 alunos do Ensino Médio de três escolas consideradas escolas de superação, da cidade de Jacarezinho-Pr, e em 2010 foram 120 alunos atendidos.

As atividades propostas pelo projeto contemplaram o ensino e aprendizagem de alguns gêneros textuais, para os quais foram elaborados modelos didáticos (BRONCKART, 2003) e a

¹ Possui graduação em Letras pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Cornélio Procópio (1991), mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2007) e doutorado em Estudos da Linguagem - Univesidade Estadual de Londrina (2013).

partir deles construídos sequências didáticas (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004), as quais foram transpostas efetivamente para as salas de aula. Neste artigo, me ateno apenas em apresentar uma síntese da efetiva prática realizada na primeira fase do projeto, em 2009, a respeito do ensino do gênero textual artigo de opinião. Mais especificamente ainda, apresento a primeira parte da sequência didática, a etapa da ‘apresentação da situação’.

1. Arcabouço teórico

Primeiramente, para abordar o conceito de gênero retomo o quadro epistemológico do ISD para fazer referência à noção bakhtiniana de gêneros do discurso. De acordo com Bakhtin (2003: 282) “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo” (grifos do autor). Essa é uma assertiva bastante ampla, entretanto, incontestável, pois toda esfera social gera diferentes e diversos gêneros. Ou seja, em toda atividade de linguagem, constituída pela coletividade (BRONCKART, 2003), diferentes gêneros são elaborados como resultado de fatores como: a interação verbal realizada dentro de uma situação social, de um momento histórico, da ideologia da esfera, do que é dizível dentro da esfera (o tema). Por assim ser, o gênero acaba por se constituir de estabilidades históricas comuns à esfera e é, então, concebido por Schneuwly (2004), como sendo,

Um instrumento semiótico complexo, isto é, uma forma de linguagem prescritiva, que permite, a um só tempo, a produção e a compreensão de textos. ‘Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos; se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala; se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase

impossível’ (BAKHTIN, 1953/1979 apud SCHNEUWLY, 2004: 27).

Dessa forma, o gênero se constitui e se estabiliza pelo social, pela coletividade, mas sua estabilidade é relativizada pela ação individual. Ou seja, um indivíduo singular, de acordo com a esfera social da qual ele participa, da temática a ser abordada, da valoração que o tema tem para ele, dos participantes da interação verbal e o tempo/ espaço que eles ocupam, da intencionalidade, faz um recorte singular em um modelo estabilizado pela atividade de linguagem, para agir sobre um objeto ou uma situação comunicativa, a qual, por ser uma nova interação permite que o indivíduo faça adaptações no modelo. Portanto, fica evidente, que por existirem inúmeras possibilidades de práticas de linguagem, em diferentes esferas sociais, e que cada esfera possui diversos gêneros que podem ao longo da história e de novas situações comunicativas criar outros novos gêneros, existe uma variedade infinita de gêneros na sociedade.

Frente a esse fato, como fazer com os gêneros textuais sejam objetos de ensino-aprendizagem no contexto escolar, assim como orientam os documentos oficiais no Brasil, entre eles, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1997,1998), como também os teóricos e estudiosos do ISD? Para responder a questão, novamente, retomo a epistemologia do ISD, o qual Bronckart (2003) define como “ciência do humano”. O ISD tem como objeto de estudo as relações entre linguagem e desenvolvimento humano, filiando-se, segundo Nascimento (2009: 4),

À tradição de Spinoza (1954), Volochinov (1973), Bakhtin (1982), Vygotsky (1987) e Habermas (1987) em um movimento que [...] é uma tentativa de reorganizar “a problemática psicológica” em um quadro epistemológico segundo o qual a linguagem desempenha

um papel central tanto no funcionamento psíquico e em seu desenvolvimento quanto nas atividades e ações. O interacionismo sócio-discursivo entende a linguagem como um instrumento semiótico pelo qual o homem existe e age [...].

Dessa forma, a linguagem é vista como um instrumento semiótico fundamental para o desenvolvimento psíquico do ser humano (por ela, por exemplo, o homem questiona-se, faz abstrações, etc.). Assim, visto que a linguagem dá origem aos gêneros, conforme postula Bakhtin (2003), é a apropriação dos gêneros, do maior número deles, como instrumento de mediação entre um indivíduo e o objeto ou situação comunicativa, que promove o desenvolvimento das capacidades humanas ou capacidades de linguagem. Exatamente nesse sentido, buscando uma resposta prática ao como ensinar os gêneros na escola, é que os pesquisadores do Grupo de Genebra (sediados na Universidade de Genebra, na Suíça), entre eles, Dolz, Noverraz, Schneuwly (2004), elaboraram uma proposta de transposição didática da teoria sobre os gêneros para a sala de aula, denominada de “seqüência didática (SD)”.

A tese central do Grupo é de que o trabalho pedagógico com gêneros promove desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos. Ou seja, por meio de conjuntos de atividades sistemáticas, os alunos são confrontados com “práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais”, tendo a possibilidade de reconstruir e delas (das práticas de linguagem) se apropriarem (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004: 51- grifo nosso). Contudo, é necessário destacar que Doz e Schneuwly (2004: 81) compreendem que “o gênero trabalhado na sala de aula é sempre uma variação do gênero de referência”, pois o gênero em abordagem escolar já não mais participa de seu contexto social real, onde as finalidades de sua existência e abordagem são completamente diferentes das

estabelecidas pelo contexto escolar. Dessa forma, cabe ao professor realizar a aproximação do que ocorre fora da escola e o que ocorre dentro, isto é, minimizar a artificialidade do contexto escolar.

Especificamente, sobre as capacidades de linguagem, de acordo com Dolz e Schneuwly (2004), elas abordam a “capacidade de ação” que é quando o aluno adapta um gênero a uma situação comunicativa determinada, também chamada de contexto imediato; a “capacidade discursiva” ocorre quando o aluno mobiliza modelos discursivos; a “capacidade lingüístico-discursiva” quando o aluno domina recursos e operações lingüísticos para constituir sua produção adequando-a ao contexto imediato.

Quanto as SDs, elas comportam quatro etapas, as quais serão aqui sintetizadas. Na primeira etapa, denominada “Apresentação da situação”, consiste em expor ao aluno o que se pretende realizar de uma “maneira bastante explícita para que eles compreendam o melhor possível a situação de comunicação na qual devem agir” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004: 98). Nesta etapa o aluno deve receber indicações sobre a função/finalidade social e comunicativa do gênero que será abordado; de onde veio aquele gênero (historicidade social); os temas abordados por aquele gênero; quem escreve o gênero e onde e quando o faz; quem lê o gênero e por que e com qual objetivo o faz; qual o suporte material da produção do gênero, etc.

A segunda etapa da seqüência é a produção de um primeiro texto, sobre a qual o interesse é de que o professor possa identificar as capacidades que os alunos já dispõem e os pontos que necessitam de direcionamentos para melhoras. Os “Módulos” destinam-se a reflexão e seleção dos conteúdos a serem trabalhados frente aos problemas identificados no primeiro texto, os quais devem ser condizentes ao gênero em questão. Por fim, a “Produção final”, onde o

aluno tem a oportunidade de por em prática o que aprendeu e o professor realizar uma avaliação final do produto e do processo.

Necessário expor que antes ainda da elaboração de uma SD, são selecionados os textos, os exercícios em geral, ou seja, é realizado um planejamento, um “modelo didático” de tudo que constituirá a SD. No modelo, os textos são analisados, e, para tanto, Bronckart (1999: 77) propõe uma metodologia de análise, a qual se centra nas “condições sociopsicológicas da produção dos textos e depois, considerando essas condições, na análise de suas propriedades estruturais e funcionais internas”.

2. O gênero artigo de opinião

O artigo de opinião é um gênero textual eminentemente opinativo, em que o autor apresenta e defende sua opinião frente a um determinado tema real e geralmente polêmico, controverso, buscando, por meio da sustentação ou da refutação de outras opiniões, convencer e influenciar o leitor. Dessa forma, de acordo com Rodrigues (2000), o artigo de opinião é constituído pelas seguintes condições: o sujeito que produz o texto assume discursivamente a posição de autor; considera sempre seus possíveis leitores; produz a partir de um contexto institucional e social; posiciona-se claramente frente a um assunto.

“Em jornais impressos, é normal que os editores convidem personalidades da sociedade (especialistas, intelectuais, autoridades) para escrever artigos sobre temas específicos do noticiário” ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Artigo_\(jornalismo\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Artigo_(jornalismo))). O articulista não precisa se preocupar em refletir a opinião do jornal a respeito do tema tratado, a responsabilidade é inteiramente de quem assina o artigo. Os artigos são veiculados também pelas revistas, rádio, televisão, internet.

De acordo com o agrupamento de gêneros

realizados por Dolz e Schneuwly (2004: 61) o artigo de opinião se constitui de “discussão de problemas sociais controversos” no que se refere ao domínio social de comunicação, se configura em seu aspecto tipológico pela argumentação, e pela capacidade de linguagem dominante pretende a “sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição”.

3. A transposição do gênero para a sala de aula

No primeiro momento do projeto, o objetivo foi promover que os alunos dominassem o gênero textual artigo de opinião. Para tanto, foi elaborado um conjunto sistemático de procedimentos que envolvem a leitura e a produção textual do referido gênero. Apresentamos neste artigo a primeira etapa da SD, a etapa de “apresentação da situação”.

3.1 “Apresentação da situação”: o contexto de produção dos textos

Para a apresentação da situação, foi exposto aos alunos o contexto de produção dos textos a serem trabalhados. Especificamente, no artigo de opinião, os articulistas sociais, especialistas em política, educação, comportamento humano, etc, apresentam à sociedade suas opiniões a respeito de temas contemporâneos de interesse público e geralmente polêmicos. É o reconhecimento das opiniões explícitas e implícitas nesses textos que permite que os leitores, pessoas interessadas nos assuntos sociais e muitas vezes polêmicos, reflitam sobre as opiniões, os interesses e as ideologias presentes na sociedade. Cabe ao leitor, nesse reconhecimento, decidir sobre a concordância, a discordância, a rejeição a reformulação sobre tais opiniões e, principalmente, formação de suas próprias, ou seja, cabe ao leitor ter uma atitude

responsiva ativa (BAKHTIN, 2006).

A esfera da qual participa o gênero e os diferentes suportes também foram explorados. Foram apresentados aos alunos para manuseio: jornais de grande tiragem, como a Folha de S.Paulo, e jornais locais, como Tribuna do Vale; exemplares da revista Veja; exemplares da prova do último vestibular da Universidade Estadual do Norte do Paraná; exemplares da prova do ENEM/2008.

Em seguida, foram oferecidos para leitura três artigos de opinião e uma reportagem, a qual teve como objetivo apresentar as últimas notícias sobre as novas pretensões a respeito da formatação do vestibular. Após a leitura dos textos, especificamente, sobre os três artigos de opinião, foi proposto um debate para definir sobre qual tema eles gostariam de mais especificamente trabalhar, a escolha da profissão ou vestibular? Para orientar os alunos, foram lançadas as seguintes questões: Por que esse assunto te interessa? Qual sua opinião sobre esse assunto? O que você sabe a respeito?

O tema eleito foi a escolha da profissão, e o texto eleito para objeto de trabalho, apresento a seguir:

Quadro 1: reprodução do artigo de opinião

A escolha da profissão
(Ana Cássia Maturano)

Logo mais começam as inscrições para os principais vestibulares do país. Segundo psicóloga, escolha da carreira é feita quando ainda somos imaturos.

Estamos de novo às voltas com o vestibular. Nessa época do ano, algumas universidades já fazem a seleção para o ingresso em suas carreiras. Logo mais começam as inscrições para os principais vestibulares do país. É um momento delicado para qualquer pessoa – não porque vai enfrentar esta tão temida prova, mas por significar uma decisão

de vida.

Essa decisão, considero uma das mais importantes: vamos escolher a atividade que nos dedicaremos a maior parte de nossa existência. Se decidirmos por algo que nos agrada, o trabalho não será encarado como uma coisa ruim ou um castigo. Trabalho pode e deve ser algo prazeroso. Além disso, estaremos optando por um modo e um estilo de vida. É muito sério, pois disso depende grande parte de nossa felicidade.

O problema é que essa decisão se dá justamente quando vivemos uma crise existencial, numa época conturbada por muitos conflitos. Com 16 ou 17 anos, ainda somos muito imaturos – não sabemos nem quem somos direito, que dirá sabermos o que fazer pela vida toda. Fora o que significa escolher: quando optamos por uma coisa, abrimos mão de todas as outras possibilidades e vivenciamos um luto.

O contexto não ajuda muito, não oferecendo muitos facilitadores. O grande número de carreiras oferecidas hoje dificulta. Algumas nem sabemos o que é. No passado, não havia tantas opções. Elas se dividiam entre direito, medicina, engenharia e outras tão conhecidas. Era bem mais fácil.

As escolas, por sua vez, nem sempre oferecem algum tipo de orientação profissional. As que proporcionam algo com esse objetivo, geralmente o fazem de maneira superficial. Restringem-se a parte informativa das várias profissões, com palestras, feiras e guias. A questão é que o grande foco delas é o vestibular. Estão preocupadas em ter o maior número possível de alunos aprovados. Tomam-no como o principal objetivo do ensino médio.

Na realidade, o vestibular é o meio para se chegar ao curso escolhido, não é o fim em si mesmo. Ele só terá sentido se o jovem tiver claro seu real objetivo, ou seja, ingressar na carreira que deseja seguir. Então poderá se dedicar com afinco aos estudos. Até porque, o processo seletivo está cada vez mais variado, não se restringindo às provas.

Ficou mais fácil entrar na faculdade com tanta oferta de vagas. Assim como desistir dela. E os adolescentes acabam também se focando mais no processo seletivo do que em tomar uma decisão consciente. Perde-se o sentido do vestibular.

E a família, com toda a razão, preocupa-se com o futuro dos filhos. Os pais desejam que tenham uma profissão para que possam se sustentar, levando alguns a fazerem pressão para que se decidam

rápido. Ficam impossibilitados de ajudarem os filhos por estarem presos nessa ansiedade. Alguns vão além: vêem nos filhos a possibilidade de realizarem seus sonhos profissionais, ou exigem deles que sigam seus passos. Não fazem isso por mal, mas só atrapalham. Principalmente quando desprezam determinadas carreiras que não oferecem status ou um retorno financeiro considerável, gerando mais dúvidas nos adolescentes. Realizar uma atividade prazerosa já é um bom retorno, o que permitirá uma dedicação maior a ela e desse modo se sobressair. Como consequência vem o retorno financeiro. Fazer cursinho é geralmente visto como perda de tempo e dinheiro (eles não são baratos) pelos pais. Esse tempo pode significar um período maior para refletir e buscar um sentido para a vida. Salvo determinadas situações em que a dificuldade em dar passos impede o jovem de escolher, o período de um ou dois anos dedicados ao cursinho não é perda de tempo. É pouco se compararmos com o tempo que dedicaremos à profissão escolhida. O momento realmente é delicado. Não é na pressão ou tendo apenas informações superficiais sobre as diferentes profissões que se vai fazer a melhor escolha. Ajudaremos nossos filhos se pudermos, mais uma vez, estarmos ao lado deles e compreendendo o quão difícil é se decidir por uma carreira. As escolas deveriam também repensar a postura delas. Acredito que se o contexto mudar, as decisões não se tornarão mais fáceis, mas serão mais tranquilas.

Retomado, então, o texto, foi os alunos receberam um quadro para o levantamento das condições de produção:

Quadro 2: levantamento do contexto de produção do artigo de opinião. (adaptado de Nascimento; Cristovão, Durão (2004)).

	COLUNA DE RESPOSTA
Autor físico	
Posição social do autor	
Destinatário físico	

	COLUNA DE RESPOSTAS
Posição social do destinatário	
Objetivo	
Conteúdo temático	
Espaço físico de produção	
Espaço social de produção	
Momento de produção	
Meio de veiculação	

3.2 A arquitetura interna do texto

Tão importante quanto reconhecer o tema abordado é a apreensão dos demais elementos constitutivos de um texto. Por isso, na segunda etapa de trabalho com o artigo de opinião, os alunos foram orientados à identificação do plano geral do texto, ou seja, do reconhecimento da organização interna. Pautada sobre os modelos didáticos (BRONCKART, 2003) elaborados anterior a todas as atividades da SD, direcionei a busca de quatro partes básicas estruturais do texto em questão:

Apresentação da tese		Parágrafo(s)
Argumentos		Parágrafo(s)
Contra-argumentos		Parágrafo(s)
Conclusão		Parágrafo(s)

Após o levantamento da estrutura interna do texto, cada aluno foi motivado a expor, oralmente, se concordava ou não com a autora. Assim, todos se colocaram e contra-argumentaram frente aos diferentes pontos de vista e justificativas apresentadas, tanto pelo texto como pelos colegas de sala.

Em seguida, devido à constatação, realizada nos modelos didáticos elaborados, de que o texto em estudo é constituído pela predominância do discurso interativo, encaminhei o trabalho de

reconhecimento, pelos alunos, desse fato:

Quadro 4: reconhecimento do discurso interativo

No artigo de opinião, devido o autor intencionalmente muito mais do que apenas expor seu ponto de vista a respeito de um assunto que está causando polêmica no momento atual, mas, principalmente, fazer com que o leitor pense como ele (o autor), o autor “conversa” com o leitor. Identifique no texto alguns recursos lingüísticos que revelam que o autor interage com o leitor:

	COLUNA DE RESPOSTAS
a) presença de pronomes da 1ª pessoa do plural – marcação de que a autora participa (ou simula participar) do tema da mesma forma que o leitor.	
b) presença de pronomes possessivos – marcação de que o tema em questão é (ou simula ser) de vivência tanto do leitor como da autora do texto:	
c) presença de elementos que demonstram que os acontecimentos tratados pelo tema ocorrem no momento da produção do texto – marcando proximidade entre a autora e o leitor.	

A forma como se organiza sequencialmente o conteúdo temático também foi abordada. Sendo o artigo de opinião um texto argumentativo, a predominância é de sequências argumentativas, uma vez que se “deseja criar em seu interlocutor um efeito de sentido que o faça aderir ou refutar uma tese exposta” (BALTAR, 2007: 157). Contudo é possível apreender também a presença: de um pequeno relato, o qual pretende criar efeitos de sentido de dizer o que já aconteceu, de relatar como os fatos aconteceram no passado; de sequência expositiva, permitindo que o leitor saiba um pouco mais sobre o tema que está sendo tratado (BALTAR, 2007). Para identificação dos

argumentos, do relato e das sequências expositivas presentes no texto foram oferecidos os seguintes questões aos alunos:

Quadro 5: reconhecimento da organização do conteúdo temático

1) A partir da identificação da tese da autora identifique os argumentos, ou seja, o porquê ela acredita que a escolha de uma carreira profissional é algo difícil:
 2) Na busca de convencer o leitor, a autora faz algum tipo de comparação, relatando o que ocorria no passado e o que ocorre hoje com a escolha de uma profissão?
 3) A autora expõe no texto definições ou problematizações para que o leitor possa conhecer mais a respeito do tema do que ele já conhecia?

Na estruturação dos argumentos apresentados no artigo, diferentes recursos lingüísticos-discursivos foram utilizados, os quais são denominados conforme Bronckart (1999) de mecanismos de textualização, compreendendo os mecanismos de conexão, os de coesão nominal e os de coesão verbal. Para o trabalho com esses mecanismos oferecemos as seguintes atividades:

Quadro 6: reconhecimento dos discursos lingüísticos-discursivos

1) Para articular o ponto de vista e os argumentos que o defende, a autora utiliza-se de palavras e expressões que fazem com que uma parte do texto esteja sempre ligada a outra, de modo a organizar o tema. Identificamos algumas dessas palavras e expressões, com muita atenção, volte ao texto e defina ao que elas se referem:

	Ao que elas se conectam
Palavras e expressões que promovem a conexão entre o tema e os argumentos apresentados	
1º parágrafo: “Nessa época do ano, algumas universidades...”	

	Ao que elas se conectam
1º parágrafo: “... não porque vai enfrentar esta tão temida prova, mas por significar uma decisão de vida.”	
2º parágrafo: “Além disso, estaremos optando por um modo e um estilo de vida.”	
2º parágrafo: “É muito sério, pois disso depende grande parte de nossa felicidade.”	
6º parágrafo: “Então poderá se dedicar com afinco aos estudos.”	
6º parágrafo: “Até porque, o processo seletivo está cada vez mais variado...”	
8º parágrafo: “Os pais desejam que tenham uma profissão para que possam se sustentar...”	
9º parágrafo: “...vêm nos filhos a possibilidade de realizarem seus sonhos profissionais, ou exigem deles que sigam seus passos”.	

2) Para que o texto não fique repetitivo para o leitor, para que tenha continuidade das ideias apresentadas, para que o texto tenha unidade entre todos os seus componentes e partes, a autora utiliza-se de elementos linguísticos específicos. Com muita atenção, volte ao texto e identifique ao que se refere alguns dos elementos existentes:

Elementos de retomada e antecipação de idéias	
1º parágrafo: “...esta tão temida prova...”	
2º parágrafo: “Essa decisão, considero...”	
3º parágrafo: “O problema é que essa decisão...”	
4º parágrafo: “Elas se dividiam entre direito...”	
5º parágrafo: “As que proporcionam algo...”	
6º parágrafo: “Ele só terá sentido se o jovem...”	
7º parágrafo: “Assim como desistir dela.”	
9º parágrafo: “...realizarem seus sonhos...”	
10º parágrafo: “...(eles não são baratos)...”	
11º parágrafo: “: Ajudaremos nossos filhos...”	

Quadro 6: reconhecimento dos discursos linguísticos-discursivos

3) A autora do texto utilizou-se de vários verbos na construção desse artigo de opinião. Identifique a relação do tempo verbal com a estrutura textual e busque justificar essa relação: a) Transcreva alguns verbos empregados na apresentação da tese: b) Qual o tempo desses verbos? Por que da escolha deles? c) Transcreva alguns verbos empregados na argumentação: d) Qual o tempo desses verbos? Por que da escolha deles? e) Transcreva alguns verbos empregados na conclusão do texto: f) Qual o tempo desses verbos? Por que da escolha deles?
4) A autora do texto por se incluir no texto, como vimos através de pronomes e verbos que indicam a 1ª pessoa do plural: nós, ela assume a responsabilidade sobre a sua opinião a respeito do tema tratado no texto, mas em um texto de opinião podem aparecer outras “vozes”, ou seja, a opinião de outras pessoas ou, até mesmo, o autor, às vezes, pode falar em nome de grupos ou instituições sociais. Isso ocorre no texto “A escolha da profissão”?

Considerações finais

Neste artigo, apresentei a etapa de “apresentação da situação” de uma SD elaborada como instrumento de mediação para o ensino e aprendizagem do gênero artigo de opinião e sua transposição para a prática, sobre a qual pude constatar que em seu conjunto pode ser caracterizada como um processo de ampliação de letramento crítico do professor em serviço, uma vez que o auxilia de forma significativa e eficiente no processo de apropriação de um gênero visto e descrito não apenas como uma forma linguística, mas como forma de organização sócio-discursiva, cujos efeitos de sentido colocam em circulação ideologias e vozes que constituem as realidades sociais sobre as quais irá intervir no processo de ensino-aprendizagem.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- BAKHTIN, M. VOLOCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BALTAR, M. O conceito de tipos de discurso e sua relação com outros conceitos do ISD. In: GUIMARÃES, A.M.M.; MACHADO, A.R.; COUTINHO, A. (orgs.). *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007, p. 145-160.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília. Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília. Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRONCKART, J. *Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha (Trad.). São Paulo: Educ, 1999.
- _____. *Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Tradução e organização Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Matencio (et.al.). Campinas, SP: Mercado das letras, 2003.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (Francófona). In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 41-70.
- _____; NOVERRAZ M. Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.
- SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 21-39.
- NASCIMENTO, E.L. Gêneros escolares: das práticas de linguagem aos processos de desenvolvimento humano. In: FERNANDES, LC. (Org.). *Interação: práticas de linguagem*. Londrina: EDUEL, 2009.
- _____; CRISTOVÃO, V. L. L.; DURÃO, A. B. Cartas de pedido de conselho: da descrição de uma prática de linguagem a um objeto de ensino. *Revista Linguagem em (Dis)curso*. v. 5, n. 2, maio/ago. 2004.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio*. Curitiba: SEED, 2008.
- RODRIGUES, R. H. O artigo jornalístico e o ensino de produção escrita. In: ROJO, R.(org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Coleção As faces da Lingüística Aplicada. São Paulo: EDUC / Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

Artigo enviado em: 22/08/2011

Accite em: 16/12/2011